

EDICIÓN M. XXI

FEIRA DE ARTE E ANTIGUIDADES DE LISBOA

2014



Duas faces, uma mesma medalha

Quem, nestes primeiros meses de 2014, visitar o Museu Nacional de Arte Antiga, poderá ver, em dispositivo especial no Átrio 9 de Abril – com o fito de desvendar novas obras de arte, que, por aquisição, incorporação ou depósito, irão enriquecer, ainda este ano, a renovada Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas –, um notável medalhão de bronze dourado, obra lusa à maneira italiana e peça de objetivo relevo para a história da escultura em Portugal, adquirido em Londres, em finais de 2013, pela Direcção-Geral do Património Cultural, com destino ao MNAA. Nele se ostenta, numa face, a figura do humanista Diogo de Paiva de Andrade, cuja eloquência iluminou, em tempo de Dom Sebastião, o Concílio de Trento, e, na outra, a memória da sua salvação da grande catástrofe de 1755, tão onerosa ao património nacional. No mesmo local, de resto, foi antes revelada ao público outra obra notável: *Menino Jesus Peregrino*, de Josefa de Óbidos. Presente sem sucesso em recente leilão de coleção nacional, os seus herdeiros, generosamente, entenderam dever partilhá-la com todos, depositando-a temporariamente no primeiro museu nacional onde, de igual modo, irá enriquecer a nova narrativa das coleções de pintura e escultura portuguesas – de par com outras importantes novidades, como a tábuca *São Vicente de Lisboa*, do pintor luso-flamengo Frei Carlos, cedida também em depósito de longa duração pelo novo-iorquino Metropolitan Museum of Art.

É o valor solidário da comunhão de interesses entre o mercado antiquário e o trabalho dos museus – apostados ambos no aprofundamento do saber e solidários, ambos, no enriquecimento das coleções públicas que estruturam aquele, e que hoje, ultrapassadas as etapas históricas das incorporações por razões políticas, dependem amplamente do próprio movimento do mercado, como duas faces de uma mesma medalha – que publicamente convoca a já habitual presença do MNAA, acolhendo, com a APA, os visitantes da *Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa*. À entrada da monumental Cordoaria (lugar que ocupa por especial deferência e histórica generosidade da organização), o MNAA afirma, de facto, o seu estatuto de referência enquanto primeiro museu nacional, partilhando ainda, na sua própria dinâmica de agente cultural, a sua atividade: desde logo, a grande ou as grandes exposições que, por estes tempos, oferece ao público, obviamente comum ao que demanda a Feira.

E, desta feita, de facto, o Museu desdobra um tríptico de exceção: *Rubens, Brueghel, Lorrain. A Paisagem Nórdica do Museu do Prado* (notável mostra que encerra a par da feira); *Esplendores do Oriente. Joias de Ouro da Antiga Goa* (espantoso acervo de duas centenas e meia de objetos de joalheria goesa, realizados no metal precioso, recentemente incorporado por generosidade histórica da Caixa Geral de Depósitos), que desvendará na semana imediata; enfim, *Reis e Mecenas. A Arte ao Serviço dos*

Saboia: Turim 1730-1750, mostra monumental que o Museu organiza em parceria com o Palazzo Madama – Museu Cívico de Arte Antiga e a Galeria Sabauda, de Turim, e inaugura em associação às comemorações do Dia Internacional dos Museus, desta feita em antecipação, a 16 de maio.

É também uma festa o que a APA apresenta na Cordoaria, sob a forma de uma brilhante exposição, para a qual os galeristas, em saudável competição, reservam o melhor que, no decurso do ano, cada um pôde acumular. Porque a presença na Feira constitui, para o acervo reunido, garantia de certificação, a Cordoaria é, nestes dias, um espaço privilegiado de novidades e de estabilização de noções, práticas e teóricas.

Duas faces de uma mesma medalha, solidariamente unidas por desígnios comuns: o do avanço do conhecimento, que a todos importa, o do enriquecimento das coleções públicas, indissociável da própria produção de conhecimento que gera, por natureza, uma renovação contínua do saber.

É tudo isto que a presença estável do MNAA recorda aos visitantes da Cordoaria: a face dupla e intrinsecamente solidária de uma mesma medalha. Aquela, afinal, onde se cunha, muito simplesmente, o amor da arte e pela arte.

António Filipe Pimentel
Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga